

**Memória Subterrânea**  
**Construção das Representações de Identidades do Negro Em**  
**Florianópolis**

*Maria das Graças Maria\**

"A memória é a mais épica de  
todas as faculdades".

Walter Benjamin.

"O Morro é Nosso"

Ramiro Farias

A memória pode transformar-se num documento muito rico para o historiador que pretende reabilitar histórias submersas, silenciadas pelo tempo. E para dar visibilidade aos grupos que estão à margem, ofuscados pela historiografia oficial, a memória pode ser requisitada como fonte pelo historiador. E, como diz Ecléa Bosi, "dar existência a essas memórias"<sup>1</sup>.

Isso significa que ao solicitarmos as memórias, não só outras histórias estarão emergindo, como também o silêncio dos grupos marginalizados pela historiografia oficial vai sendo substituído pelo ecoar de vozes que se configuram em histórias vividas, em relações construídas no cotidiano desses grupos. Na citação abaixo, extraída do livro de Ecléa Bosi, embora ela esteja tratando de um outro objeto de pesquisa, serve para elucidar melhor essa questão:

\* Licenciatura Plena em História em 1977 pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização em História Moderna e Contemporânea pela PUC/Belo Horizonte-MG, em 1991. Ingresso no mestrado em História em 1994. Orientadora professora doutora Joana Maria Pedro.

<sup>1</sup> BOSI, Ecléa. Memória e sociedade - lembrança de velho. São Paulo: Edusp. 1987. p.19.

"Todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos"<sup>2</sup>.

Neste trabalho, especificamente pretendo estudar fragmentos da vida dos habitantes do Morro do 25, no Bairro da Agrônômica, em Florianópolis - Santa Catarina, usando como fonte principal a memória de antigos moradores. Com isso procurarei verificar, no cotidiano dessas pessoas, os conflitos interétnicos à construção de espaços de sociabilidades, de suas identidades e representações. Ou seja, perceber quais foram as práticas utilizadas pelos negros no seu cotidiano que possibilitaram a sua sobrevivência naquele universo cultural, e uma configuração específica para suas experiências.

Os grupos sociais constroem suas representações a partir das visões de mundo que são veiculadas pelo imaginário social. Visões estas que acabam se "naturalizando", ganhando status de "real". Mas as experiências sociais vividas pelos diferentes grupos acabaram contribuindo na configuração dessas representações, o que pode levar pessoas de classe, etnia, ideologia, religião e gênero diferentes a tecerem seus conflitos a partir das representações que também são frutos das diferenças culturais socialmente construídas.

Os moradores da rua Padre Schroeder, apelidada de Morro do 25, eram compostos de negros e brancos. Essas pessoas de etnias distintas se construíram enquanto sujeitos históricos tecendo suas relações no embate de questões étnico-culturais, que passaram a ser referenciais desses grupos na luta para definirem sua identidade.

O Clube 25 de Dezembro foi fundado em 1933. E de acordo com depoimentos de alguns, o clube surgiu a partir de uma conversa entre dois amigos negros: Ramiro Farias

---

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*.

e Tertuliano Fernandes, tendo este último sugerido a criação de um espaço de lazer para que as pessoas pudessem divertirem-se, sem deslocarem-se para muito longe.

Assim sendo, após a fundação do clube aconteceu o primeiro baile. No início negros e brancos dançavam juntos, "mas as moças brancas não queriam dançar com os rapazes de cor, trazendo muitos problemas"<sup>3</sup>, o que gerou uma grande polêmica entre os diretores do clube. Esse foi um dos fatores para a divisão desse espaço de sociabilidade. Criou-se um verdadeiro "Apharteid", ou seja, os espaços de lazer separados passaram a ser a representação da experiência vivida no cotidiano daqueles sujeitos sociais. Isso refletia o conflito racial que permeava as relações daquelas pessoas. Convém lembrar que aqui "espaço" é entendido, segundo perspectiva de Roberto Da Matta, como uma construção social. Ou, como nas palavras de Mônica Pimenta Velloso, "demarcando um espaço, o grupo está estabelecendo a sua diferença em relação aos outros"<sup>4</sup>.

Por sua vez, os brancos fundaram o Recreativo Clube Concórdia, quase na mesma época em que os negros fundaram o Clube 25 de Dezembro. "O nome Concórdia veio do próprio conflito entre as raças. E a comunidade concordou que cada grupo étnico tivesse seu espaço de lazer. Os negros no Clube 25 de Dezembro, e os brancos no Recreativo Clube Concórdia"<sup>5</sup>.

Alguns depoimentos revelaram imagens fortes do racismo ali existente:

"O racismo era naquele tempo muito forte. O racismo naquele tempo estava no apogeu. Isso devia-se à falta de comunicação. Não havia televisão, e rádio eram poucas pessoas que tinham. Durante a guerra as notícias eram veiculadas através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), localizado à rua Felipe Schmidt, antiga padaria do Chiquinho. Na década de 30 havia muito racismo. Os pretos não entravam no clube dos brancos e os brancos também não entravam no clube dos pretos"<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> Entrevista com Ramiro Farias realizada no dia 18/10/94.

<sup>4</sup> VELOSO, Monica Pimenta. As tias baianas tomam conta do pedaço - espaço e identidade cultural no RJ. In: *Estudos históricos*, vol. 3. RJ.

<sup>5</sup> Entrevista com Romélio Farias realizada no dia 18/10/94.

<sup>6</sup> Entrevista com Romélio Farias realizada no dia 18/10/94.

Esta peculiar trajetória histórica, porém, não estava desconectada do contexto nacional. Naquele momento vivenciava-se a era Vargas entre o Governo Provisório e o Estado Novo, tendo o populismo operado com características bastante homogeneizantes, onde a questão racial parecia diluída. O discurso populista usava categorias como "povo", "trabalhador", sem considerar as diferenças étnico-culturais. As teses de branqueamento da raça ainda estavam presentes nos discursos da época apontando como saída para um Brasil "civilizado" e expressavam o espírito da modernidade.

A constituição da população brasileira demonstrava que a população negra era bastante significativa, mas os conflitos raciais estavam presentes nas relações interétnicas, embora alguns discursos, como por exemplo, o de "democracia racial", procurasse mascarar as desigualdades e reafirmar a inexistência desses conflitos. Na Europa, a ascensão do Nazismo certamente estava interferindo nos discursos da época no Brasil, reforçando o preconceito e o processo de segregação racial.

Neste sentido, Florianópolis também foi palco de preconceitos. Além de separarem-se nos bailes, também o "footing" os negros o praticavam na rua em frente ao palácio do governo e os brancos, na Felipe Schmidt, em frente à padaria do Chiquinho. "E quando o "footing" acontecia na mesma rua, brancos e negros ficavam em calçadas separadas: os brancos em frente ao palácio e os negros na calçada do jardim da Praça 15 de Novembro."<sup>7</sup>

O "footing" era a forma como os rapazes e moças se colocavam no espaço público para as paqueras. Quase sempre os rapazes ficavam parados numa rua, e as moças passeavam no espaço dessa rua. Ambos estavam disponíveis para a paquera e quem sabe para um futuro namoro. As piscadas de olho, os galanteios, os assovios, olhares indefinidos, tudo isso fazia parte desse jogo de sedução. O "footing" separado expressava bem o paradoxo existente entre as falas autorizadas, que escondiam o preconceito, e a rua, que como uma vitrine, revelava esse preconceito. Isso vem demonstrar que a representação feita pela história oficial sobre os negros na sociedade, acaba por omitir os conflitos raciais. Parece existir um desdobramento desse "Apartheid"

do espaço do "footing" para o espaço dos clubes. Aí, o preconceito se revela nos espaços de sociabilidades, impondo-se aos negros e brancos na medida em que as normas estabelecidas pelos clubes proibem negros de entrarem no clube de brancos e vice-versa. O preconceito racial está presente não apenas no espaço do clube, mas fora, nas ruas. Ele define as relações cotidianas. O "Apharteid" estava refletindo o preconceito não só dessa comunidade, mas da sociedade brasileira como um todo. As falas colhidas nas entrevistas podem revelar os sintomas daquele momento.

Numa das falas colhidas, foi afirmado que: "Fui testemunha ocular, destes conflitos étnicos. Morei naquela comunidade quando criança; me lembro das brigas pela questão dos espaços do clube entre negros e brancos, eram acirradíssimas"<sup>8</sup>.

Estas falas demonstram que a questão racial perpassava o cotidiano dessas pessoas. "Nos dias comuns nós jogávamos e bebíamos juntos. Mas no baile era cada um no seu clube", revelando assim um forte preconceito racial. Aí está a importância de se trabalhar com as memórias subterrâneas que irão trazer à luz histórias que estavam adormecidas, memórias que não eram solicitadas pelas histórias oficiais. São essas as memórias que quero dar voz neste trabalho, acendê-las, tirá-las da marginalidade a que estavam submetidas. E para isso entrevistarei pessoas que viveram esses momentos que fizeram parte da história do Clube 25 de Dezembro.

O "Clube 25 de Dezembro" foi fundado por um grupo de amigos que formaram a primeira diretoria. Seu primeiro presidente foi Epaminondas Vicente de Carvalho, o tesoureiro José Capistrano e o secretário Leovegildo Luiz da Silva. A primeira rainha foi Maria do Espírito Santo Ferreira, eleita duas vezes consecutivas, a qual, quando eleita pela primeira vez ganhou o título de rainha por 50 votos, num total de 60 votos. Naquele tempo a rainha não recebia coroa. Somente a partir da terceira rainha é que introduziu-se a coroação. As moças que freqüentavam o clube eram todas pobres: empregadas domésticas, lavadeiras, ou donas de casas.

---

<sup>8</sup> Entrevista com Valter Coelho realizada no dia 04/09/94.

No início foi alugado uma casa de madeira, para instalação do clube; o sistema de iluminação era lampeão a querosene. "O clube foi fundado para que as moças tivessem um lugar familiar para se divertir, se tivesse um deslize saía do clube"<sup>9</sup>. Esses padrões de comportamentos dominantes passaram a ser utilizados pelos negros como códigos éticos e morais. Essa busca dos valores brancos poderia estar refletindo uma preocupação dos negros em manter-se enquanto grupo neste contexto conflituoso. Podendo ser caracterizado como uma outra forma de resistência.

As falas que seguem foram colhidas de pessoas que presenciaram a fundação do clube, por esta razão os comentários dos entrevistados são ricos em detalhes. Segundo Nicomedes Manoel Ferreira, "o primeiro tesoureiro do clube foi José Capistrano que doou uma parte de seu terreno no local onde atualmente está localizado o Clube"<sup>10</sup>. Já Rogério Sebastião Farias observa que, "na oportunidade foi feito o lançamento da pedra fundamental com a presença dos primeiros sócios fundadores, bem como da primeira rainha do clube"<sup>11</sup>.

Percebe-se que a fundação do clube contou com uma cerimônia de muito requinte numa demonstração de que a simplicidade dessas pessoas não escondia o desejo de uma ascensão social nos moldes da sociedade branca. Isto parece caracterizar a necessidade do branqueamento como espécie de "passaporte" para que os negros se estabelecessem socialmente. Por outro lado, a sua presença . como grupo étnico com identidade definida é um fator de resistência. É nesta dialética de resistência e aceitação dos padrões brancos que os negros se construíram como sujeitos históricos.

Essa resistência tinha várias configurações, como por exemplo, a permissão dada aos brancos para entrarem no clube dos negros para beber. Entretanto, a estes não era permitido que dançassem. Outra configuração de resistência dos negros pode ser percebida na fala da primeira rainha do clube, afirmando que "só namorava brancos no carnaval. Era a minha fantasia"<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> Entrevista com Nicomedes Manoel Ferreira realizada no dia 28/10/94.

<sup>10</sup> Entrevista com Nicomedes Manoel Ferreira realizada no dia 28/10/94.

<sup>11</sup> Entrevista com Rogério Sebastião Farias realizada no dia 18/10/94.

<sup>12</sup> Entrevista com Maria do Espírito Santo realizada no dia 28/10/94.

O preconceito também tinha várias formas de ser representado. Uma delas era a recusa das mulheres brancas em dançarem com os homens negros. O embate das representações era evidente. Reportando-se ao historiador Roger Chartier, podemos inferir que:

"As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio"<sup>13</sup>.

Para além dos conflitos raciais, os negros e os brancos daquela localidade estabeleceram também laços de solidariedade. Os negros, em dias comuns, jogavam e bebiam com os brancos e faziam alianças diante de um inimigo comum, ou seja, se uma pessoa estranha à comunidade viesse perturbar a ordem, procuravam unirem-se defendendo os interesses comuns. Outro exemplo era o Boi de Mamão que contava com a participação de negros e brancos. Nesta manifestação cultural a confecção dos bichos, a visita nas casas e as cantorias eram feitas com a presença tanto de negros como de brancos. Porém, nas noites de baile, cada grupo restringia-se ao espaço de seu clube. Os negros freqüentavam o "25 de Dezembro" e os brancos o "Recreativo Concórdia".

Um aspecto facilmente perceptível é quanto à construção de uma identidade de classe enquanto trabalhadores pobres, o que não acontecia quanto ao aspecto racial, porque neste plano se registrava um conflito explícito. Os negros buscavam sua identificação a partir de seus valores culturais, seu espaço de lazer, suas representações de mundo. Por isso, ao impedir os brancos de entrar em seu espaço de lazer, os negros demonstravam não só a sua resistência, mas também a forma de organizar e representar essa resistência.

O clube passa a ser um espaço de luta muitas vezes silencioso onde, no brilho de suas festas, os negros demonstravam a sua importância enquanto grupo e a sua presença que é marcante. É neste local que se dá o enfrentamento e os negros podem fazer uso do seu poder, o qual permeia todas as suas relações, mas que neste espaço específico ele fica

<sup>13</sup> CHARTIER, Roger. *História Cultural - Entre práticas e representações*. RJ, Bertrand. 1990. p.17.

mais evidente. Isso demonstrava também os espaços de micro poderes. Utilizando essa categoria de Foucault, é possível perceber que as relações de poder não são só as institucionalizadas, mas relações onde o poder está disseminado tanto no espaço público como no privado e que reflete nas relações étnicas, relações de gênero, etc.

Procurando dar beleza as suas festividades, como no baile da rainha, baile da primavera, desfile da mulher mais elegante, baile de fantasia, etc, os negros nem sempre demonstravam sua identificação com os valores culturais afro brasileiros. Nestas festas pareciam estar muitas vezes reproduzindo os valores culturais brancos. O que não quer dizer que eles não fizessem resistência a esses valores dominantes. Uma resistência nem sempre percebida, mas que estava presente em vários momentos.

O baile da rainha, por exemplo, era uma das festas mais importantes. A coroação da rainha acontecia algumas vezes no baile do dia 24 de dezembro, vésperas do aniversário do clube. Outras vezes este baile aconteceu no mês de maio. Talvez o mês de maio estivesse relacionado com o calendário cristão ocidental: mês de Maria, por exemplo. A rainha era trazida até o clube com muita pompa e com traje de gala cercada de damas. Entrava elegantemente protegida por um cordão de isolamento conduzida pelo presidente do clube até o trono onde recebia a coroa. Toda essa pompa parece nos remeter a valores culturais semelhantes aos expressos nos rituais católicos cristãos, como a coroação de Nossa Senhora. Não sendo originariamente costumes afro brasileiros. A ambigüidade que se aponta é quanto a festa ser exclusivamente freqüentada por negros embora bastante permeada por valores brancos. O que demonstra que nestas relações existem interferências dos valores culturais de uns sobre os outros. O negro interfere, mas também sofre interferência, o que, segundo Mônica Pimenta Veloso, é a "intercomunicação dos códigos culturais"<sup>14</sup>.

No baile da rainha também está presente o padrão de beleza relacionada a questão do branqueamento da raça. A maioria das rainhas eram mulatas e procuravam se aproximar mais do padrão de beleza hegemônico. Muitas vezes a beleza negra é

<sup>14</sup> VELOSO, Mônica Pimenta. Op. Cit.

desqualificada porque está fora da estética estabelecida, sendo que os negros buscavam adaptar-se à beleza branca, o que se evidenciavam nos concursos de beleza do clube.

Além de padrões de beleza branca foram assumidos também padrões de conduta moral burguesa. No controle desses padrões atuavam principalmente as mulheres que de acordo com os depoimentos, tinham a função específica de "cuidar do caráter das moças e zelar por sua conduta moral"<sup>15</sup>. Um exemplo é o que ocorria no "Grêmio Feminino Flor de Maio"; segundo a 1ª rainha do clube, "se uma moça ficasse até às 22 horas com o namorado era excluída do grêmio. Nos dias de baile uma das mulheres do grêmio circulava no clube para controlar os casais que dançavam"<sup>16</sup>.

Existiam normas bem rigorosas para o controle desses comportamentos. Este controle é percebido também na leitura de uma ata de 1949.

" O primeiro tesoureiro faz o conhecimento da mesa relembrar a ocorrência do visitante Afonso Travarso, é esclarecido pelo Vice-Presidente o fato: ter beijado uma senhoria em pleno salão em completo estado de embriaguês. A diretoria resolveu puni-lo de acordo com o parágrafo primeiro do artigo nono do estatuto. Resolução do Sr. Presidente... Pô-lo para fora do salão"<sup>17</sup>.

"Sr. Presidente trouxe a conhecimento da mesa procedimento inconveniente de duas associadas. O Grêmio Feminino do Clube apela à mesa para a punição de Maria Izabel e Mercia de tal. A diretoria resolveu a seguinte punição: Maria Izabel suspensa por um baile. Mercia de tal Eliminação"<sup>18</sup>.

Também consta nestas atas a preocupação com as algazarras que no final das festas perturbavam o silêncio público. Parece que toda essa preocupação com os preceitos morais estavam refletindo uma atitude das instituições da época que, atendendo aos interesses do aparelho estatal, estariam estabelecendo naquele momento um controle muito rígido sobre o comportamento das pessoas. Este pode ser um dos fatores para

<sup>15</sup> Entrevista com Maria do Espírito Santo realizada no dia 28/10/94.

<sup>16</sup> Entrevista com Maria do Espírito Santo realizada no dia 28/10/94.

<sup>17</sup> Ata número 9 do dia 26/09/49.

<sup>18</sup> Ata número 8 do dia 12/10/49.

explicar todo o cuidado com preceitos éticos-morais. Mas um outro fator também poderia estar interferindo. Trata-se da busca de ascensão social das pessoas negras daquela comunidade que estariam sintonizadas com os valores burgueses, e que, na prática desses valores, estariam se construindo enquanto sujeitos morais, uma moral de si, que não só age a partir dos preceitos ditados pelas instituições reguladoras, mas também a partir da subjetividade que se constroem no sujeito, na prática de si. As normas reguladoras das condutas interagem com essa subjetividade, o sujeito assimila certas normas que vêm de fora, mas ele também as redefine e as interpreta a partir dessa subjetividade. Foucault conclui de seus estudos que:

"Não existe ação moral particular que não se refira a unidade de uma conduta moral; nem conduta moral que não implique a constituição de si mesmo como sujeito moral; nem tão pouco constituição do sujeito moral sem 'modos de subjetivação', sem uma 'ascética' ou sem 'práticas de si' que as apoiem. A ação moral é indissociável dessas formas de atividades sobre si, formas essas que não são menos diferentes de uma moral à outra do que os sistemas de valores, de regras e de interdições".

Os negros perceberam que as normas morais da sociedade branca eram armas que eles podiam acionar constantemente. Portanto, só com acesso a elas poderiam lutar contra esta mesma sociedade, e o tom moralista satura a sua retórica e práticas de resistência social.

Havia uma rede de relações fora do âmbito desta localidade que permitia que suas idéias circulassem e que outras notícias também chegassem até eles, possibilitando-nos pensar que essas trocas de idéias entre pessoas do mesmo grupo étnico e do mesmo nível social interferissem na sua visão de mundo frente aos valores hegemonicamente estabelecidos.

Os negros da localidade do Morro 25 construíram sua identidade a partir dos conflitos com os brancos. Num embate de representações que se deu através das relações interétnicas. O seu espaço construído também foi uma demonstração de poder, de identificação com pessoas de seu grupo étnico. Na construção dessa identidade existe

toda uma trajetória de luta onde os negros fazem também uma resistência silenciosa aos valores brancos que são hegemônicos, permeados de preconceitos.

Os brancos elaboraram representações do negro, a historiografia oficial muitas vezes impede que o negro fale, fazendo-se sua porta voz, sem portanto ter vivido sua experiência, omitindo sua voz, falando por ele sem portanto ter vivido sua experiência. Mas os negros também elaboraram representação de si e de seu contexto social. Sua fala está permeada dos valores étnicos brancos, mas os seus valores também estão gritando, fazendo resistência. E essa resistência está presente em todos os seus atos. Porque o que é preciso levar-se em conta é que os negros são agentes sociais que interferem na transformação da sociedade e sua identidade é um instrumento de luta que, no caso específico do Clube 25 de Dezembro, é o que vai dar visibilidade para os negros.

É na delimitação do seu espaço de lazer organizando suas festas (baile da rainha, com cortejos, bailes infantis iniciando as crianças nas festividades do clube, festas de São João, comum não só aos negros mas que fazia parte de seus festejos, desfiles promovidos por lojas da capital, onde moças desfilavam com roupas confeccionadas com os tecidos Bangu, Boi-de-Mamão, etc.), os negros se fizeram presentes naquele contexto e o Clube passou a ser um referencial muito forte naquela localidade, que é conhecida hoje, embora não oficialmente, com o nome de Morro do 25. Algumas pessoas chegam a afirmar: "Eu sou cria do 25"<sup>19</sup>. Estas falas nos revelam uma total identificação com o clube e parecendo até estarem incorporados magicamente por um poder que se revela simbolicamente nestas festas apresentadas.

Torna-se importante fazer emergir estas histórias que não estão escritas, mas que precisam ser ouvidas para que possamos dar um outro olhar para a história. Um olhar que nos leve a perceber que os acontecimentos sociais não ocorrem de forma esquemática, mecânica, linear. Mas que as experiências vividas pelos agentes sociais trazem uma diversidade de histórias e que estas podem ser construídas a partir dos conflitos que estimulam os grupos a buscar uma identidade própria. Identidade forjada muitas vezes

<sup>19</sup> Entrevista com Silvio dos Santos realizada no dia 18/10/94.

num embate de valores de representações que neste caso específico levou os negros do Morro do 25 a construir sua identidade própria.

Existem outros espaços de sociabilidade de negros, que são símbolos da identificação de sua etnia, espaços de luta, de construção de identidade, permeado por conflitos étnicos, vivendo num embate de valores, de representação, de construção de mundo. Mas os significados históricos do Clube 25 de Dezembro estão na forma como se deu a construção dessas representações, específicas dos homens e mulheres que viveram no morro do 25, nas décadas de 30 e 40. É isso que lhe confere importância enquanto objeto de investigação para o historiador.